Lição 6: Os diferentes modos de causar e o que é consequente a esses modos

Bekker: 195 a 28-b 30

> SOBRE OS DIFERENTES MODOS DE CAUSAR E AQUILO QUE É CONSEQUENTE A ESSES DIFERENTES MODOS DE CAUSAR

187. Após o Filósofo ter distinguido as espécies de causas, ele aqui distingue os vários modos de causas em relação à mesma espécie de causa.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, distingue os diferentes modos de causas. Segundo, onde diz: 'A diferença é...' (195 b 17 #195), ele trata de certas consequências dessa distinção.

Sobre a primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, distingue os diferentes modos de causas. Segundo, onde diz: 'E esses vários...' (195 b 13 #194), ele os reduz a um certo número.

Sobre a primeira parte, ele distingue os modos de causas segundo quatro divisões.

Ele diz, portanto, em primeiro lugar, que os modos de causas são numerosos, mas, se forem reduzidos a rubricas, seja sob algum aspecto mais elevado, seja sob algum aspecto comum, constata-se que são em menor número. Ou 'rubricas' pode ser tomado como uma combinação, pois é óbvio que as combinações dos modos são em menor número que os próprios modos.

188. Portanto, a primeira divisão ou combinação de modos é aquela em que, na mesma espécie de causa, uma causa é dita anterior a outra, como quando entendemos que a causa mais universal é anterior. Assim, o médico é a causa própria e posterior da saúde, enquanto o artesão é a causa mais comum e anterior. Isso ocorre na espécie de causa eficiente. E o mesmo se aplica à espécie de causa formal. Pois a causa formal própria e posterior da oitava é a proporção do dobro, enquanto a mais comum e anterior é a proporção numérica chamada de multiplicidade. E, da mesma forma, uma causa que contém qualquer causa na comunidade de sua extensão é uma causa anterior.

189. Deve-se notar, no entanto, que a causa universal e a causa própria, e a causa anterior e a causa posterior, podem ser tomadas seja segundo uma comunalidade na predicação, como no

exemplo dado sobre o médico e o artesão, seja segundo uma comunalidade na causalidade, como se disséssemos que o sol é uma causa universal de aquecimento, enquanto o fogo é uma causa própria. E essas duas divisões correspondem uma à outra.

Pois é claro que qualquer poder se estende a certas coisas na medida em que elas compartilham de uma natureza [*ratio*], e quanto mais longe esse poder se estende, mais comum deve ser essa natureza [*ratio*]. E, como o poder é proporcionado ao seu objeto segundo sua natureza [*ratio*], segue-se que uma causa superior age de acordo com uma forma mais universal e menos contraída. E isso pode ser observado na ordem das coisas. Pois, na medida em que entre os seres alguns são superiores, nessa medida eles têm formas menos contraídas e mais dominantes sobre a matéria, que contrai o poder da forma. E, assim, aquilo que é anterior no causar é encontrado como sendo anterior de algum modo sob o aspecto [*ratio*] de uma predicação mais universal. Por exemplo, se o fogo é o primeiro no aquecimento, então os céus não são apenas os primeiros no aquecimento, mas também os primeiros na produção de alteração.

190. Ele apresenta a segunda divisão onde diz: 'Outro modo de causação...' (195 a 33).

Ele diz que, assim como as causas *per se* se dividem em anteriores e posteriores ou comuns e próprias, também as causas *per accidens* se dividem.

Pois, além das causas *per se*, existem causas *per accidens* e seus gêneros. Assim, Policleto é uma causa *per accidens* da estátua, enquanto o escultor é uma causa *per se*. Pois Policleto é uma causa da estátua na medida em que acontece de ser escultor. E, da mesma forma, aquelas coisas que contêm Policleto em sua comunalidade, por exemplo, homem e animal, são causas *per accidens* da estátua.

Além disso, deve-se notar que, entre as causas *per accidens*, algumas estão mais próximas das causas *per se* e outras estão mais distantes. Pois tudo o que é unido à causa *per se*, mas não é de sua natureza [*ratio*], é chamado de causa *per accidens*. Ora, uma coisa pode estar mais próxima da natureza [*ratio*] da causa [*per se*] ou mais distante dela, e nessa medida as causas *per accidens* são mais próximas ou mais distantes. Assim, se um escultor acontece de ser branco e músico, o músico é mais próximo, porque está no mesmo sujeito em relação à mesma coisa, isto é, em relação à alma na qual estão tanto [a arte do] músico quanto a arte de fazer estátuas. Mas o próprio sujeito é ainda mais intimamente relacionado do que os outros acidentes. Assim, Policleto é mais próximo do que branco ou músico, pois estes últimos não estão unidos a este escultor exceto por meio do sujeito.

191. Ele apresenta a terceira divisão onde diz: 'Todas as causas...' (195 b 4).

Ele diz que, além das causas propriamente ditas, isto é, as causas *per se* e as causas *per accidens*, algumas coisas são ditas causas em potência, como sendo capazes de operar, enquanto outras são causas que operam em ato. Assim, tanto o construtor em hábito quanto o construtor em ato podem ser chamados de causa da construção de uma casa.

192. E assim como as causas são distinguidas segundo os modos mencionados acima, também as coisas das quais elas são causas são distinguidas. Pois uma coisa é causada posteriormente e mais propriamente, e outra anteriormente e mais comumente. Assim, algo pode ser chamado de causa

desta estátua, ou de estátua em geral, ou, ainda mais comumente, pode ser chamado de causa de uma imagem. E da mesma forma, algo pode ser chamado de causa motriz deste bronze, ou do bronze universal, ou da matéria.

Assim também, nos efeitos *per accidens*, pode-se dizer que uma coisa é mais comum e outra menos comum. Um efeito é dito *per accidens* quando está unido a um efeito *per se* e está fora de sua natureza [*ratio*]. Assim, o efeito *per se* da culinária é o alimento saboroso, mas o efeito *per accidens* é o alimento saudável. No entanto, o inverso é verdadeiro para a medicina.

193. Ele apresenta a quarta divisão onde diz: 'Novamente, podemos usar...' (195 b 10).

Ele diz que às vezes as causas *per se* são tomadas como um complexo com as causas *per accidens* , como quando dizemos que nem Pólicleto, que é uma causa *per accidens*, nem o escultor, que é a causa *per se*, é a causa da estátua, mas sim que o escultor Pólicleto é a causa.

194. Em seguida, onde diz: 'Todos esses usos variados...' (195 b 13), ele reduz os modos mencionados acima a um certo número.

Ele diz que os modos mencionados acima são seis em número, mas cada um deles é usado de duas maneiras. Estes são os seis modos: o singular e o gênero, que acima ele chamou de anterior e posterior; o acidente e o gênero do acidente; o simples e o complexo. E cada um destes é dividido por potência e ato; e assim todos os modos se tornam doze. Ele distingue todos os modos por potência e ato porque o que está em potência não é simples.

195. Em seguida, onde diz: 'A diferença é...' (195 b 17), ele trata de três coisas que decorrem da distinção dos modos que acabou de ser feita.

O primeiro ponto é que as causas em ato e as causas em potência diferem da seguinte forma. As causas que operam em ato existem e não existem simultaneamente com aquelas coisas das quais são causas em ato. Por exemplo, se tomarmos causas singulares, isto é, causas próprias, então este curador existe e não existe simultaneamente com aquele que é curado, e este construtor existe simultaneamente com aquilo que é construído. Mas isso não é verdade se tomarmos causas em ato que não são causas próprias. Pois não é verdade que o construtor existe e não existe simultaneamente com aquilo que é construído. Pois pode acontecer que o construtor esteja em ato, mas esta construção não está sendo construída, mas sim alguma outra. Mas se tomarmos aquele que está construindo esta construção, e se tomarmos esta construção na medida em que está sendo construída, então é necessário que, quando um é posto, o outro também seja posto, e quando um é removido, o outro é removido. Mas isso não acontece sempre em relação às causas que estão em potência. Pois uma casa e o homem que a construiu não são corrompidos simultaneamente.

E assim segue-se que, assim como os agentes inferiores, que são causas do vir a ser das coisas, devem existir simultaneamente com as coisas que vêm a ser enquanto elas vêm a ser, assim também o agente divino, que é a causa do existir em ato, é simultâneo com a existência da coisa em ato. Portanto, se a ação divina fosse removida das coisas, as coisas cairiam no nada, assim como, quando a presença do sol é removida, a luz deixa de existir no ar.

196. Ele expõe o segundo ponto onde diz: 'Ao investigar a causa...' (195 b 21). Ele diz que é necessário buscar nas coisas naturais a primeira causa de cada coisa, assim como fazemos nas coisas artificiais. Assim, se perguntássemos por que um homem constrói, respondemos 'porque ele é um construtor'. Da mesma forma, se perguntarmos por que ele é um construtor, respondemos 'porque ele possui a arte de construir'. E aqui a investigação para, porque esta é a primeira causa nesta ordem. Portanto, nas coisas naturais, devemos proceder até a primeira causa. Isso é assim porque o efeito não é conhecido a menos que a causa seja conhecida. Portanto, se a causa de um efeito é também o efeito de alguma outra causa, então ela não pode ser conhecida a menos que sua causa seja conhecida, e assim por diante até chegarmos a uma primeira causa.

197. Ele expõe o terceiro ponto onde diz: 'Além disso, efeitos genéricos...' (195 b 25). Os efeitos devem corresponder proporcionalmente às causas, de modo que efeitos gerais sejam referidos a causas gerais e efeitos singulares a causas singulares. Por exemplo, se é dito que a causa da estátua é o escultor, então a causa desta estátua é este escultor. Da mesma forma, efeitos em potência devem corresponder a causas em potência, e efeitos em ato a causas em ato.

E, finalmente, em resumo, ele conclui que este é um tratamento suficiente das espécies e modos das causas.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:43:10 by Admin
Updated 1 October 2026 23:37:04 by Admin